



A clímainflação europeia esquentá o agro brasileiro?

Evaristo de Miranda

Na Europa, a seca e as intensas ondas de calor do verão de 2026 provocaram uma crise agrícola. Cerca de 38% do território da União Europeia (UE) foi afetado pela seca, com muitos incêndios florestais. Culturas de verão, como milho e girassol, sofrem perdas significativas de produtividade. A seca já destruiu, sozinha, quase 9 milhões de toneladas de grãos. A pecuária de carne e leite está muito afetada pela escassez de forragem.

Em 50 anos, a Europa enfrentou repetidos episódios de seca, exacerbados por ondas de calor intensas, notadamente em 1976, 1989, 1990, 2003, 2015, 2018, 2019, 2020, 2022 e 2026. Episódios dessa natureza marcam os ecossistemas e a economia do continente. Não são surpresa ou exceção. Ilustram uma falta de resiliência estrutural no agro europeu.

Embora as precipitações de inverno tenham sido relativamente abundantes, o calor precoce provocou o ressecamento das pastagens e reduziu a disponibilidade de água para os cultivos. A diminuição da água nos rios prejudicou a navegação e encareceu os custos logísticos na UE.

O ressecamento precoce das pastagens reduziu a disponibilidade de áreas de pasto em toda a UE e forçou os pecuaristas a utilizar prematuramente os estoques de inverno. As más colheitas de cereais e palha na Espanha, França e outras regiões elevaram os custos da alimentação animal. Os pecuaristas passam a comprar alimentos substitutos (milho, farelos, tortas de oleaginosas), cujos preços dispararam.

Alguns pecuaristas abatem prematuramente parte de seus rebanhos por não conseguirem alimentá-los. Isso pode saturar temporariamente o mercado de

carne e estabilizar os preços internos na UE, apesar da suspensão da importação de carnes do Brasil. Em 2027, a redução geral do tamanho do rebanho europeu de bovinos levará a uma escassez de oferta e à alta dos preços de leite, manteiga, queijo e carne bovina.

Os agricultores europeus enfrentam um golpe duplo: volumes de venda reduzidos devido ao clima e custos de produção recordes. Isso pressiona as suas margens e eleva os preços dos alimentos para o consumidor. Alta de preços já presente nos supermercados em frutas e produtos hortigranjeiros.

Alguns chamam o resultado econômico desse fenômeno de climainflação. É a inflação provocada diretamente por eventos climáticos adversos, capazes de reduzir a oferta, elevar custos de produção e encarecer logística e alimentos. A intensidade do fenômeno depende da adaptação tecnológica e da resiliência dos sistemas agrícolas. Se a seca se repete, face aos seguros, subsídios, políticas de emergência e ajudas governamentais recordes da UE, por que investir em tecnologia de mitigação?

A queda na produção de cereais e oleaginosas acentua a dependência da UE em relação a importações externas, notadamente da Ucrânia ou de outros mercados globais, como do Brasil. Segue a pressão de alta sobre os índices globais de preços de commodities. Isso interessa o agro brasileiro.

A Europa sofre porque seus sistemas produtivos, econômicos e regulatórios não conseguem transformar tecnologia e subsídios em resiliência suficiente. A crise provocada pela seca expõe essa vulnerabilidade. Abre a oportunidade para um melhor ajuste das exportações do agro brasileiro.

A Europa precisa de fornecedores capazes de responder à instabilidade climática, apesar de suas medidas protecionistas contra uma parte do agro brasileiro, malgré o Acordo União Europeia – Mercosul. O Brasil dispõe de escala, diversidade produtiva, tecnologia tropical e capacidade exportadora.

A crescente fragilidade agrícola europeia cria demanda externa, valorização de commodities e espaço para o Brasil ampliar sua participação como fornecedor confiável de alimentos, fibras e energia. Na Europa e alhures.